



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rede britânica Independent Television News - ITN**

**Manaus-AM, 26 de novembro de 2009**

**Jornalista:** Senhor presidente, o Brasil anunciou que faria uma promessa de corte de emissões entre 36 e 38,9 até 2020. Mas é uma promessa. O senhor diria não a uma meta obrigatória ?

**Presidente:** Veja, isso é mais do que uma promessa. Isso tudo começou com uma decisão voluntária do Brasil de poder mostrar ao mundo que se nós todos, líderes mundiais, trabalharmos com responsabilidade, a gente pode evitar o aquecimento global. O que nós propusemos como meta de 36,1[%] a 38,9[%], nós vamos aprovar em lei no Congresso Nacional e, portanto, passa a ser uma lei e deixa de ser vontade do governo Lula, e passa a ser uma obrigação de qualquer governante que vier depois de mim de trabalhar de forma intensa para que a gente possa atingir as metas até 2020. É mais do que uma promessa, é um compromisso de uma nação que quer mostrar ao mundo que é possível a gente reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

**Jornalista:** Eu sei que o presidente Obama escreveu para o senhor recentemente. O senhor percebe algum otimismo, quero dizer, a proposta que os americanos estão fazendo é muito pequena, efetivamente, 6% de corte até 2020. Como eles podem ser pressionados, ou na verdade, ajudados a ir além nessa proposta?

**Presidente:** Olha, eu penso que cada líder – e não é diferente para o presidente Obama –, ele vai decidir em função das possibilidades e das circunstâncias políticas do seu país. Nós sabemos que os países ricos têm



muita dificuldade porque, quando nós estivermos discutindo com muita seriedade essa questão do clima, nós vamos ter que discutir o padrão de consumo. E quando se discute o padrão de consumo, significa que alguns países vão ter que tomar a decisão de diminuir um pouco o que estão fazendo hoje, o consumo da sociedade. Portanto, nós vamos ter que arrumar outras formas de produção que sejam menos poluentes do que as que nós temos hoje. Eu acho que cada país vai trabalhando em função da pressão da sua sociedade, do seu Congresso, e obviamente que todo mundo espera muito dos Estados Unidos, porque é a maior economia do mundo, é o país que polui o Planeta há mais tempo do que os outros – por exemplo, há mais tempo do que o Brasil, há mais tempo do que a China –, a Revolução Industrial começou na Europa... Então, todos têm a sua responsabilidade. O que nós queremos? Nós queremos ir caminhando para que cada país assuma a sua responsabilidade, mas que ela seja uma responsabilidade crescente. Ou seja, que as pessoas comecem a assumir os seus compromissos para 2020, para 2030, para 2040, para 2050, mas que a gente evite que o planeta Terra tenha um aquecimento capaz de obrigar o mar a subir e capaz de a gente mudar muitas cidades. Esse é um fato verídico. E aí, nós precisamos de um trabalho muito sério da sociedade e dos cientistas para que a gente vá provando aos líderes, porque tem líderes que ainda não acreditam que seja verdade e que seja catastrófica a questão do clima. E eu acho que é, eu acho que é. Eu acho que a cada dia está ficando mais sério. A cada dia nós estamos vendo chover muito onde não chovia, chover pouco onde chovia muito, ficando deserto onde não era previsível ficar deserto...

**Jornalista:** Bem, dê-me um exemplo no Brasil.

**Presidente:** Olha, no Brasil, nós estamos vendo mudanças climáticas a olhos vistos. Ou seja, nós poderíamos pegar um estado como o Rio Grande do Sul,



como Santa Catarina, que há três anos têm sofrido mudanças de intempéries muito drásticas. Nós temos visto outros lugares em que não dava enchente muito forte... aqui no rio Amazonas mesmo, há quatro meses eu recebi o governador do Amazonas lá em Brasília para me mostrar a maior enchente da história do rio Amazonas, alagou tudo. E agora nós estamos vivendo uma grande seca, quatro meses depois. Obviamente que esses são fenômenos quase inexplicáveis, do ponto de vista científico, e isso obriga a que todos os governantes sejam mais responsáveis. Nós estamos vendo as geleiras do mundo derreterem a cada dia que passa. Então, eu penso que, aos poucos, nós vamos assumindo responsabilidade. O que me preocupa é que não foi levado muito a sério o Protocolo de Quioto. O que me preocupa é que a Europa decidiu introduzir 10% de etanol na sua gasolina até 2020, o Japão também assumiu o compromisso de 3%, e até agora eu não estou vendo os países cumprirem aquilo que prometeram, e 2020 está chegando.

**Jornalista:** Quando o senhor for a Copenhague... seria somente uma divisão entre o Norte e o Sul, o senhor exigindo do Sul para conseguir mais dos países do Norte? O senhor tem aliados no Norte? .O senhor tem o presidente Sarkozy aqui . Tem outros aliados no Norte com os quais o senhor pensa que poderia contar para acompanhá-lo nesse processo?

**Presidente:** Eu acho que nós não deveríamos fazer uma discussão tão simplista entre Norte e Sul. Eu, toda vez que se apresenta a mim uma situação grave, em vez de ficar procurando quem é culpado, eu prefiro procurar quem é que está disposto a encontrar uma solução. Não adianta ficar xingando o Reino Unido porque é onde começou a Revolução Industrial e, portanto, ele tem mais responsabilidade. Ele tem mais responsabilidade, sim. Mas, o que é que...

**Jornalista:** O senhor quer que nós paguemos por isso?



**Presidente:** Veja, eu acho que todos nós precisamos pagar, de acordo com a nossa responsabilidade. Agora, ninguém vai poder pagar uma dívida acumulada de 200 anos. Então, eu prefiro ter o bom senso e começar a discutir o que cada país pode fazer a partir de agora, para que o conjunto dos países possa assumir responsabilidade pela preservação da qualidade de vida que nós vivemos, no planeta Terra. Nós só temos ele.

**Jornalista:** Vamos tomar apenas o desmatamento da floresta amazônica. Quanto em dinheiro o senhor necessita para salvar a floresta tropical na Amazônia? De que montante de recursos estamos falando?

**Presidente:** Veja, nós vamos precisar de muito dinheiro. Nós estamos quantificando o dinheiro que nós vamos precisar para a desapropriação de terras, para a construção de parques nacionais, de áreas de preservação. Agora, o que é importante é que a gente trabalhe com a ideia de que os países ricos têm duas responsabilidades: de um lado, eles têm que diminuir as emissões de gases de efeito estufa; de outro lado, é preciso que eles coloquem dinheiro para ajudar os países em desenvolvimento e os países pobres a manterem as suas florestas em pé. Todos nós queremos que o nosso Produto Interno Bruto cresça, todos nós queremos que as pessoas melhorem de qualidade de vida. O que o Brasil quer provar é que nós assumimos o compromisso de reduzir 80% de desmatamento na Amazônia até 2020, e é possível porque no ano passado nós conseguimos reduzir em 21%, o que foi uma coisa extraordinária. Foi a maior redução desde que nós começamos a medir as queimadas na Amazônia.

Nós queremos, na verdade, é garantir, garantir, com a proposta brasileira, que é possível cada um assumir um compromisso... Porque também não é possível a gente governar sem metas. Qualquer governante no mundo, ao tomar posse,



ele tem que estabelecer uma meta do que ele quer fazer e do que o seu país quer nos próximos quatro, vinte, trinta anos. Então, nós estabelecemos as nossas metas e eu espero que os países ricos estabeleçam as suas metas.

**Jornalista:** O senhor conseguiu reduzir as emissões na floresta amazônica, mas ao mesmo tempo o Brasil fez essa descoberta de petróleo no Atlântico e vai começar a extração. As emissões certamente aumentarão e voltarão ao patamar que o senhor tentou reduzir, então nada foi ganho?

**Presidente:** Olha, o Brasil assumiu alguns compromissos importantes, não é apenas a questão da Amazônia. Veja, o Brasil assumiu 80% da Amazônia, o Brasil assumiu 40% do cerrado, o Brasil fez o seu zoneamento agroecológico para que a cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas não adentrem os biomas que nós queremos preservar; e, ao mesmo tempo, nós assumimos compromissos, inclusive, de mudar a nossa agricultura; assumimos o compromisso de mudar a matriz energética para o aço: em vez de utilizar carvão mineral, vamos utilizar carvão vegetal. Por isso que estamos chamando de óleo verde.

O que está acontecendo com o pré-sal? Nós estamos estudando, porque isso já está na nossa contabilidade, uma forma de você extrair o CO2 e injetá-lo para tirar mais petróleo. Ou seja, em vez de jogar água, nós estamos estabelecendo uma tecnologia para devolver o CO2 para dentro da terra, para podermos tirar mais petróleo. Esse é um compromisso de uma nação, não é um compromisso de um governo. É um compromisso da Petrobras e nós, certamente, queremos apresentar isso ao mundo com muito orgulho, porque se essa tecnologia da Petrobras der certo, significa que todas as empresas de petróleo no mundo irão contribuir com menos emissões de gases de efeito estufa.



**Jornalista:** Sobre Copenhague, senhor presidente. Se não houver nenhum acordo com compromisso legal, o senhor estaria feliz com um acordo político? Seria suficiente?

**Presidente:** Não, não. Mas também eu aprendi, aos 64 anos de idade, que na política, quando você não consegue fazer tudo o que você quer, você se contenta com o que é possível fazer. E eu estou convencido de que se nós conseguirmos aprovar, em Copenhague, senão os números todos que nós gostaríamos, mas uma matriz política que permita a gente estabelecer metas nos próximos anos, eu já acho que demos um passo importante. O que não pode acontecer em Copenhague é a gente ficar sem fazer absolutamente nada.

Quando os Estados Unidos foram à China e estabeleceram negociações com a China, eu fiquei muito preocupado, porque eu comecei a perceber que os Estados Unidos queriam utilizar a China para justificar a sua pouca diminuição de emissões de gases de efeito estufa. A China utilizaria os Estados Unidos para explicar também o seu pouco compromisso.

Eu penso que nós não podemos olhar apenas para o nosso próprio umbigo. É preciso olhar para o mundo, para as futuras gerações. Eu vou lhe dar um exemplo: é plenamente possível a gente crescer, controlando o meio ambiente, e é possível que você não cresça e aumente a poluição. No Brasil, nos anos 90, a gente teve momentos de crescimento zero e teve aumento na emissão de gases de efeito estufa. [Em] 2006, 2007, 2008 e 2009, em que a economia cresceu mais, diminuíram as emissões de gases de efeito estufa. Por quê? Porque nós cuidamos melhor do meio ambiente. Esse compromisso, ele está totalmente à disposição dos países.

Eu tenho conversado com o Gordon Brown, tenho conversado com o Obama, tenho conversado com o Sarkozy, com Angela Merkel, [que] uma forma de contribuir para diminuir as emissões e aumentar o sequestro de



carbono é nós construirmos projetos de desenvolvimento nos países pobres, sobretudo o de desenvolvimento sustentável, com uma agricultura bem planejada. Isso é plenamente possível.

**Jornalista:** O senhor mencionou Gordon Brown, Ele disse que se não houver nenhum acordo será uma catástrofe. Será?

**Presidente:** Olha, eu não sei se seria catástrofe, porque quando houver uma catástrofe, todo mundo vai cuidar disso. Pode ficar certo, que o ser humano é medroso. Na hora em que ele perceber que vai ter catástrofe, ele vai cuidar. O que é que acontece? Nós estamos vivendo uma crise econômica sem precedentes, sobretudo na história dos países ricos, e cada governante de país rico está com medo de fazer uma proposta que, aos olhos do povo daquele país, seja vista como uma proposta impeditiva do crescimento econômico. E o Reino Unido está precisando crescer, o PIB está precisando crescer, as pessoas querem emprego.

Então, eu acho que todo mundo está mais cuidadoso, está muito mais cuidadoso, eu compreendo isso. Agora, a verdade nua e crua é que se não houver um acordo em Copenhague, nós estaremos dando um sinal muito negativo para o mundo, de que os dirigentes estão agindo com irresponsabilidade diante do futuro do mundo.

**Jornalista:** Quando o senhor despertou pessoalmente para a mudança do clima? O senhor fala com muita paixão sobre isso agora. Quando foi que chegou realmente à conclusão de que isso era verdade?

**Presidente:** Veja, a questão ambiental, no mundo inteiro, é um processo evolutivo. Se a gente for analisar discussões ambientais...



**Jornalista:** Sim, mas quando o senhor trabalhava no setor metalúrgico, quando era torneiro mecânico, o senhor nunca olhou para as chaminés e pensou “Meu Deus, nós estamos destruindo o planeta!”

**Presidente:** Sim. Não, não. A verdade é que a gente não se preocupava com isso. Veja, cada um de nós reage politicamente. A nossa cabeça só pensa onde os nossos pés estão pisando, ela não pensa fora. Ora, quando é que você começa a se dar conta da questão ambiental? Quando você começa a pensar no todo, quando você começa a ver a irresponsabilidade da espécie humana, os rios sujos, os rios poluídos, os governantes não fazendo coleta de esgoto, não fazendo tratamento de água, o desmatamento. Ou seja, tudo isso vai levando você a perceber: “espera aí, o planeta Terra é finito”. Se nós quisermos estabelecer, para os países africanos, para a China, para o Brasil e para a América Latina o padrão de vida que tem os Estados Unidos ou o padrão de vida que tem a Alemanha, utilizando as mesmas matérias-primas na proporção que nós utilizamos hoje, seria necessário que o planeta Terra fosse três ou quatro vezes maior do que ele é. Como nós não podemos fazer crescer o planeta Terra, nós temos que fazer investimento em tecnologias novas, para que a gente possa produzir cada vez mais no menor espaço, sobretudo na área da agricultura.

Tudo isso me fez compreender que preservar o ambiente não é um desejo pessoal, tem que ser uma decisão governamental. Do mais pobre dos brasileiros ao mais rico dos brasileiros, do mais pobre do mundo ao mais rico do mundo, nós temos que assumir a responsabilidade. O Planeta é redondo. Se a atmosfera está poluída, pode ser que um dia esteja mais poluída no Brasil, mas noutro dia está poluída nos Estados Unidos. Então, todo mundo vai ser vítima do aquecimento global, todo mundo. Vai começar com as pequenas ilhas, depois vai começar com as cidades que têm praia. Se o mar subir, todo mundo vai pagar um preço.



Então, eu penso que com a capacidade de informação que o ser humano tem no século XXI, nós precisamos ter a coragem de fazer o que os nossos governantes não fizeram no século XX. É uma obrigação nossa e de quem vier depois de nós.

**Jornalista:** Se o senhor conversasse com um indivíduo, por exemplo, na Inglaterra, ou em qualquer lugar da Europa, o senhor diria a ele “olha, você deve estar preparado para fazer sacrifício do seu bolso, talvez 10%, 5% de seus ganhos”, nós todos temos que fazer um compromisso individual”?

**Presidente:** Essa é a grande discussão. Quando eu falo que é preciso discutir o padrão de consumo da Humanidade é porque nós não temos como admitir que a África e a América Latina se contentem em continuar sendo pobres no século XXI, enquanto os países ricos mantêm o seu padrão de vida. Ou nós encontramos um jeito de fazer com que os países pobres tenham uma evolução no seu crescimento econômico, uma evolução na sua distribuição de renda, ou a discussão sobre ambiente vai ficando cada vez mais difícil, porque as pessoas querem sobreviver. Eu vou dar um exemplo no Haiti. No Haiti, pelo empobrecimento do país, as pessoas não podem utilizar gás de cozinha para fazer a sua comida. Ou seja, o Haiti virou um país careca: não tem mais árvores, as pessoas cortaram tudo.

Então, o Brasil, a América do Sul e a África, que ainda têm florestas, e muitas florestas, é a contribuição que nós queremos dar ao mundo, é preservar as nossas florestas. Mas, para isso, o mundo desenvolvido tem que garantir os recursos para que os países pobres possam se desenvolver, explorar corretamente as suas florestas, mantê-las em pé e, ao mesmo tempo, as pessoas ganharem uma forma digna de sobrevivência.



**Jornalista:** Antes de terminar, poderíamos falar com o senhor sobre futebol? O Brasil terá a Copa do Mundo no Rio e também as Olimpíadas. Nós estamos nos candidatando à Copa do Mundo em 2018. O senhor gostaria que a Inglaterra sediasse a Copa do Mundo?

**Presidente:** Olha, eu penso que a última que Inglaterra... a primeira e única que ela promoveu foi em 1966. Portanto, já faz 44 anos que o Reino Unido promoveu, acho que está na hora de o Reino Unido promover uma Copa do Mundo. Eu acho que pelo futebol apresentado pela Inglaterra, pela capacidade dos seus clubes, pela capacidade de financiamento e de investimento, eu acho que a Inglaterra sempre terá competência e sempre será um país com muita força para ganhar a indicação de uma Copa do Mundo.

Mas eu ainda queria voltar à questão ambiental, antes de terminar aqui o nosso programa aqui, querido. Eu gostaria que nessa discussão ambiental a gente discutisse, junto com o aquecimento global e junto com a preservação das florestas, que a gente discutisse um pouco a questão da fome. Porque enquanto a gente está discutindo outros temas – e nós sabemos que a agricultura é imprescindível – nós temos 1 bilhão de seres humanos que não estão comendo as calorias e as proteínas necessárias por dia. Portanto, nós precisamos...

**Jornalista:** Alguns deles no Brasil...

**Presidente:** Veja, por isso nós precisamos aumentar a produção agrícola, por isso é que nós precisamos aumentar a produção agrícola. Eu, depois de oito anos de governo, vou poder chegar, no dia 23 de setembro de 2010, na ONU, e mostrar o que o Brasil fez, e nós estamos provando que é possível acabar com a fome e acabar com a miséria absoluta. Para isso, o que eu tenho proposto? Que os países ricos coloquem um pouco de recurso, não para dar



dinheiro a nenhum país pobre, mas para construir projetos de desenvolvimento, que a gente vá lá e execute um projeto, que aquele projeto gere riqueza, gere emprego, gere salário. É isso o que vai desenvolver os países pobres.

Eu acho que a gente deveria aproveitar essa questão climática, essa questão ambiental para a gente colocar a questão de um tipo de animal que está morrendo de fome e, muitas vezes, inocentes, que são as crianças. Muitas vezes, essa reunião não é feita com o carinho e com a paixão que precisaria ser feita.

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado, sinceramente, pela entrevista. Obrigado, senhor.

**Presidente:** Obrigado a vocês.

**Jornalista:** Obrigado.

(\$31DHJMP)